

Vento  
do  
Sul

*Antom Garcia Rodrigues*

*Espaços afetivos  
da Galiza  
na Lisboa atual*

EDICIÓNS

*laiovento*  
**LAIOVENTO**

## Antom Garcia Rodrigues



Antom G. Rodrigues (Chantada, 1987) é graduado em Língua e Literatura Galegas e em Línguas e Literaturas Modernas, com especialização em Língua Portuguesa e Literaturas Lusófonas na Universidade de Santiago de Compostela. Desenvolve a sua atividade docente no ensino secundário e nas escolas oficiais de idiomas, tendo exercido anteriormente como leitor de galego na Universidade Nova de Lisboa. Realizou investigações em literatura medieval, com particular enfoque nas Cantigas de Santa María. Colaborou no livro “Galiza em nós. Estudos para a compreensão do relacionamento cultural galego-português”.

## 1. Entre Galiza e Lisboa

A presença galega em Lisboa é uma narrativa longa, densa e emocionalmente rica, que entrelaça séculos de deslocamentos, trocas culturais e afetos partilhados. Desde o século XVIII, mas com raízes que remontam a pelo menos 500 anos atrás, galegos e galegas cruzaram a fronteira rumo à capital portuguesa, atraídos por oportunidades de trabalho e pela esperança de um futuro melhor. Inseriram-se inicialmente em ofícios duros e socialmente pouco valorizados -como aguadeiros, carvoeiros, taberneiros e pedreiros- mas foram, pouco a pouco, ganhando reconhecimento, respeito e um lugar no tecido social lisboeta.

Apesar da importância dessa presença, a história da migração galega para Lisboa permaneceu, por muito tempo, invisibilizada pelos discursos oficiais e estigmatizada por estereótipos. No entanto, essa herança afetiva e cultural sobreviveu, discretamente, nos bairros, nas ruas, nos nomes próprios, nas tradições culinárias e até na toponímia da cidade. A Galiza deixou impressões profundas em Lisboa - muitas vezes ocultas, mas ainda presentes - que este livro busca iluminar.

Esta presença galega não se manifesta apenas nas ruas, nas tascas ou nas práticas culturais, ela ecoa também nas páginas da literatura portuguesa. Desde os tempos fundacionais da nacionalidade, os galegos figuram como personagens-tipo nas narrativas de Alexandre Herculano (*O Bobo*) ou Camilo Castelo Branco, e a sua memória coletiva atravessa séculos de produção literária. A literatura tem, assim, funcionado como um espelho da ambiguidade e persistência desta presença: ora enaltecida como mãe espiritual, ora reduzida ao ofício humilde do aguadeiro ou do amolador — como bem assinala Ana Mendes em *Os Galegos nas Letras Portuguesas* (Rodrigues Vaz, 2008). Tal representação simultaneamente invisível e central alimenta o imaginário luso-galego, tornando ainda

mais urgente o trabalho de memória e reconhecimento proposto neste estudo.

Ensaaios, dissertações e artigos recentes -como os trabalhos publicados pela *AGAL* (2025), investigações universitárias (RUN.UNL, 2015), entradas em arquivos digitais e blogues de memória urbana (Restos de Coleção, Toponímia Lisboa, Lisboa de Antigamente), bem como crônicas e reportagens (*Nós Diario*, 2022; *Praza.gal*) - têm vindo a lançar luz sobre esta presença, ainda que de forma parcial e fragmentada. A estes contributos soma-se o volume coletivo *Imagologías Ibéricas* (2014), que reúne reflexões sobre as imagens cruzadas entre povos ibéricos e inclui o ensaio de Carlos Pazos-Justo, onde se analisa a representação dos galegos em Portugal - em particular em Lisboa - à luz de imaginários sociais, históricos e simbólicos construídos entre os séculos XIX e XX. Nesse mesmo estudo, o autor dialoga com investigações de referência, como as de Domingo González Lopo e Jorge Fernandes Alves, que abordam as migrações galegas e os seus enquadramentos sociais, laborais e simbólicos no espaço português.

Este estudo pretende, assim, realizar uma espécie de arqueologia da memória galega em Lisboa: visitar fontes históricas e literárias, recuperar figuras esquecidas, rastrear lugares de sociabilidade, e dar visibilidade a personagens anónimas ou marginalizadas, como os trabalhadores da construção, os donos de tabernas, os artistas, os poetas e até os protagonistas de crônicas trágicas, como Diogo Alves (Oliveira, 2003; Matos, 2012) ou a Parreirinha. Ao identificar e analisar esses espaços afetivos, o objetivo é reconstruir uma cartografia emocional e cultural que revele a Lisboa profundamente marcada pela Galiza, uma cidade de encontros, trocas e pertenças cruzadas. No entanto, não existe ainda um mapeamento exaustivo que reúna, relacione e interprete de forma sistemática estas múltiplas referências. É essa a pro-

posta central deste livro: apresentar uma tentativa atualizada de leitura dessa presença galega em Lisboa, com base no conhecimento histórico já existente, mas orientada por uma abordagem mais integrada, crítica e sensível às suas expressões culturais e afetivas.

Mais do que um exercício historiográfico, este livro é também um ato de justiça e de memória: devolver presença a quem foi esquecido e reconhecer que Lisboa, tal como a conhecemos hoje, é também galega. Ao reconstruir esta cartografia emocional da presença galega em Lisboa sustentada, tanto por documentos históricos como por memórias afetivas, marcas no comércio tradicional, na gastronomia ou na vida associativa (“A Provinciana”, “Estrela da Sé”, “Cervejaria Trindade”), propomos uma nova leitura da cidade, onde passado e presente se entrelaçam, e onde os laços entre Galiza e Lisboa continuam vivos, resistentes e muito emocionantes.

## 2. História da migração galega para Lisboa

A migração galega para Lisboa é um acontecimento histórico com bastante tempo, suas raízes vão de uns 500 anos atrás. Contudo, foi lá pelo século XVIII que os maiores fluxos migratórios foram notados, mudando a vida social, econômica e cultural da capital portuguesa de uma maneira forte. Apesar do peso dessa presença, a migração galega para Portugal foi, por bastante tempo, quase totalmente ignorada tanto pela história como pelas instituições oficiais. Este trabalho quer trazer um bocado também de volta essa memória que foi esquecida, mostrando os laços de carinho, cultura e história que unem a Galiza e Lisboa.

Muitos desses migrantes inseriram-se em ofícios duros e pouco valorizados, como aguadeiros, carvoeiros, taberneiros, pedreiros ou amoladores. Mesmo desempenhando trabalhos marginalizados, foram conquistando, com o tempo, respeito e um lugar estável no tecido urbano e social da cidade.

As suas marcas ainda podem ser vistas hoje, de forma mais disfarçada, em diversos pontos da cidade: desde os nomes de lojas e restaurantes até certos bairros e ruas; guardam não apenas tradições gastronômicas, mas também trajetórias de vida galegas, algumas com mais de cem anos de presença contínua.

A migração galega também deixou rastros na cultura e na literatura portuguesas. Diversos escritores célebres tinham raízes galegas: Fernando Pessoa, por exemplo, descendia de um trisavô oriundo da Galiza (Quiroga, 2018); Eça de Queirós possuía ascendência galega pela linha materna (Quiroga, 2021); e Alfredo Guisado, ativo na revista *Orpheu*, representava um vínculo entre os círculos literários galaico-portugueses. Além das ligações biográficas, houve circulação de ideias e textos entre os dois espaços, como a publicação

de poemas de Pessoa em jornais galegos, o que evidencia de alguma forma esse trânsito cultural e literário entre Portugal e a Galiza (Quiroga, 2018); esses intercâmbios revelam uma convivência cultural profunda, marcada por afinidades linguísticas e partilhas simbólicas.

Esta presença na literatura é tão antiga quanto persistente. Alexandre Herculano, por exemplo, recria o universo medieval onde os galegos aparecem como figuras de coragem e resistência, como em *O Bobo*. Já Camilo Castelo Branco descreve-os de forma ambivalente, ora honestos e fiéis, ora sujeitos a estereótipos. Teixeira de Pascoaes exalta a Galiza como “mãe antiga, irmã eterna”, enquanto Miguel Torga vai mais longe, reclamando a Galiza como parte da “alma portuguesa”. Estes testemunhos reforçam que a migração galega não é apenas um fenômeno socioeconômico, mas também uma realidade simbólica de longa duração, inscrita no cânone literário.

Contudo, apesar de toda essa relevância, a presença galega foi historicamente invisibilizada. A migração para Portugal, ao contrário da migração galega para a América Latina, raramente mereceu destaque nos estudos acadêmicos ou na memória oficial. Ainda mais, os galegos foram, em muitos momentos, objeto de estereótipos negativos. Caricaturas de Rafael Bordalo Pinheiro e definições pejorativas em dicionários portugueses dos séculos XIX e XX ilustram como a imagem pública do galego foi muitas vezes desvalorizada (Pazos-Justo, 2014). É o caso de Fernando Assis Pacheco, neto de um galego, que no romance *Trabalhos e Paixões de Benito Prada*, publicado na revista *Galiza Livre*, conta a vida de um emigrante vindo de Ourense com sensibilidade e humor. O autor mistura português, galego e até *barallete* — a gíria dos amoladores — para reconstituir o universo afetivo e linguístico dessa diáspora

Além das figuras mais conhecidas, há também personagens mais ambíguos na história da migração galega, como

Diogo Alves (aprofundaremos mais adiante nele), conhecido como “o assassino do Aqueduto”. Embora associado ao crime, sua notoriedade revela como a presença galega se inscreveu até na cultura popular e nos mitos urbanos lisboetas.

Todos esses elementos - das tabernas aos escritores, das ruas às romarias - fazem parte do que podemos chamar de uma arqueologia da memória galega. É possível mapear os afetos deixados por essa migração através dos costumes, das festas, das palavras, das práticas religiosas e da vida quotidiana. Festividades como a romaria do Amaro Navegante, celebrada por comunidades galegas em Lisboa desde o século XIX e hoje revitalizada por associações culturais são testemunhos dessa memória viva, que resiste ao tempo.

Assim, a migração dos galegos para Lisboa deve ser compreendida não apenas como um fenómeno económico ou demográfico, mas também como uma força cultural e afetiva. Recuperar essa presença esquecida é um exercício de justiça histórica. A cidade de Lisboa, tal como a conhecemos hoje, foi parcialmente moldada por mãos, vozes e vidas galegas ainda que essa contribuição tenha sido, durante muito tempo, silenciada. Recontar essa história é também fortalecer os laços entre Galiza e Lisboa, dois lugares que, por séculos, partilharam caminhos comuns.

## ÍNDICE

1. Entre Galiza e Lisboa.....	9
2. História da migração galega para lisboa.....	12
3. Espaços de memória e cultura galega em lisboa.....	15
3.1. Locais de alimentação e bebida: restaurantes, tabernas, pastelarias e cafês .....	15
3.2. Associacionismo e espaço cultural .....	28
3.3. Imprensa, literatura e espaços de memória intelectual.....	32
3.4. Festas, religiosidade e tradições .....	34
3.5. Figuras galegas marcantes.....	36
3.6. Criminalidade, marginalidade e estigmas.....	38
3.7. O espaço político-simbólico.....	42
3.8. Outros vestígios nas ruas, pátios e bairros da cidade .....	45
4. Síntese.....	50
Referências bibliográficas.....	53
Anexo.....	65